

REGISTRO DE PROJETO

O processo colaborativo de reforma ortográfica na comunidade Aché (*Paraguai Oriental)



OPEN ACCESS

EDITADO POR

- Maria Filomena Spatti Sandalo (Unicamp)

AVALIADO POR

- Karin Vivanco (Unicamp)
- Bruna Franchetto (UFRJ)

SOBRE OS AUTORES

- **Eva-Maria Roessler**
Conceitualização, curadoria de dados, análise formal, investigação, concepção da metodologia, escrita do rascunho original, escrita do texto final, revisão e edição.

- **Andrés Pikygi Torales**
Investigação, concepção da metodologia, escrita do rascunho original, escrita do texto final, revisão e edição.

DATAS

- Recebido: 17/10/2025
- Aceito: 29/12/2025
- Publicado: 16/06/2026

COMO CITAR

ROESSLER, E; PIKYGI TORALES, A. (2026). O processo colaborativo de reforma ortográfica na comunidade Aché (*Paraguai Oriental). *Revista da Abralín*, v. 24, n. 2, p.40-67, 2025.

Eva-Maria ROESSLER

Escola de Letras Artes e Ciências Humanas da Universidade do Minho (ELACH/UMinho)

Andrés PIKYGI TORALES

Instituto Nacional de Educación Superior de Assunção (INAES)

RESUMO

O presente artigo examina os aspectos de uma iniciativa comunitária voltada para o desenvolvimento ou a reforma de ortografia da língua aché, que teve início em 2009 e permanece em curso. Por um longo período, a língua aché foi classificada como um dialeto do guarani paraguaio (GP) e, consequentemente, até recentemente, era escrita utilizando o mesmo sistema ortográfico, o qual se mostrava inadequado para representar todas as particularidades estruturais do aché. Contudo, investigações linguísticas recentes sugerem que o aché deve ser reconhecido como uma língua autônoma, pertencente a um seletivo grupo de línguas atípicas dentro do complexo tupi-guarani (Rodrigues, 2000, Roessler, 2008, 2015, 2018). Em face das características fonéticas, fonológicas, fonotáticas e morfofonológicas distintivas do idioma, um novo sistema ortográfico foi elaborado em colaboração entre uma equipe de pesquisa linguística e um extenso grupo de educadores e líderes comunitários aché. Este estudo sintetiza tanto os fundamentos linguísticos subjacentes ao desenvolvimento ortográfico quanto os pormenores da sua implementação em âmbito escolar e comunitário.

RESUMEN

El presente artículo examina los aspectos de una iniciativa comunitaria orientada al desarrollo o la reforma de la ortografía de la lengua aché, que comenzó en 2009 y aún está en curso. Durante un largo período, la lengua aché fue clasificada como un dialecto del guarani paraguayo y, en consecuencia, hasta hace poco, se escribía utilizando el mismo sistema ortográfico del guarani de Paraguay, el cual resultaba inadecuado para representar todas las particularidades estructurales del aché. Sin embargo, investigaciones lingüísticas recientes sugieren que el aché debe ser reconocido como una lengua autónoma, perteneciente a un selecto grupo de lenguas atípicas dentro de la familia lingüística tupi-guarani (Rodrigues, 2000, Roessler, 2008, 2015, 2018). Ante las características fonéticas, fonológicas, fonotácticas y morfofonológicas distintivas del idioma, un nuevo sistema ortográfico fue elaborado en colaboración entre un equipo de investigación lingüística y un extenso grupo de educadores y líderes comunitarios aché. Este estudio sintetiza tanto los fundamentos lingüísticos subyacentes al desarrollo ortográfico como los pormenores de su implementación en el ámbito escolar y comunitario.

PALAVRAS-CHAVE

Documentação Linguística. Aché. Tupi-Guarani. Reformas de sistemas ortográficos. Educação indígena.

PALABRAS CLAVE

Documentación Lingüística. Aché. Tupí-Guarani. Reformas de sistemas ortográficos. Educación indígena.

RESUMO PARA NÃO ESPECIALISTAS

Este artigo examina uma iniciativa comunitária para desenvolver a ortografia da língua aché, iniciada em 2009 e ainda em curso. Historicamente classificada como um dialeto do guarani paraguaio, o aché era escrito com um sistema ortográfico inadequado até recentemente. Estudos recentes indicam que se trata de uma língua independente em um pequeno grupo de línguas excepcionais na família tupi-guarani. Devido às suas características únicas de som e gramaticais, linguistas, educadores e líderes aché criaram uma ortografia reformada. Este trabalho resume sua base linguística e implementação escolar/comunitária.

Introdução

O presente artigo examina aspectos de uma iniciativa comunitária que visa à reforma ortográfica do idioma aché, ou *ache djawu*, uma língua em alto risco de extinção, falada na região oriental do Paraguai, na fronteira com o Brasil. Esse processo, que teve início em 2009 e se encontra em andamento, constitui um esforço colaborativo e comunitário, desenvolvido em cooperação com um projeto de pesquisa focado na documentação linguística de línguas ameaçadas e minorizadas (ADOP). Atualmente, o aché é falado em seis comunidades por cerca de 300 falantes nativos e fluentes, denominados aqui falantes-especialistas, a maioria deles em idade avançada. Adicionalmente, aproximadamente 2.200 indivíduos mantêm conhecimento e uso parcial da língua (ver seção 2).

Durante o século XX, a língua aché foi incorretamente classificada como dialeto ou variante do guarani, um equívoco que, inclusive, ainda persiste no discurso nacional, popular e por parte no sistema educacional paraguaio (Censo Indígena, 2022, p. 29).

Atualmente, o guarani paraguaio (GP), ou *avañe'ẽ*, possui perto de 7 milhões de falantes no Paraguai, sul do Brasil, norte da Argentina e sudeste da Bolívia. Historicamente, a proeminência do guarani como língua regional em larga escala e, desde 1992, como língua nacional do Paraguai, é atribuída à história singular do país (Melià 2003).

Ao contrário de outras nações sul-americanas, onde as línguas nativas são predominantemente restritas a minorias étnicas ou regionais, o Paraguai apresenta um bilinguismo generalizado em espanhol e guarani paraguaio, complementado por um vasto continuum de variedades mistas, referidas como jopará (Dietrich 2010; Estigarribia 2015; Kallfell 2011). Adicionalmente, além do considerável número de falantes não indígenas de guarani, existem múltiplas línguas indígenas guarani, como Avá/Chiripá, Mbyá e Paĩ Tavÿterã/Kaiowá, nas respectivas regiões do leste do Paraguai, as quais também são faladas no sul do Brasil (Rodrigues, 1985; 2000). O mapa na figura (1) ilustra a diversidade linguística desta região. Para a classificação do *ache djawu*, é crucial observar que o povo aché não se autoidentifica como integrante dos agrupamentos sociopolíticos que constituem os diversos grupos étnicos de filiação guarani. Contudo, até recentemente, a escrita e a educação formal da língua aché empregavam um sistema ortográfico inspirado no guarani paraguaio, o qual nunca foi devidamente sistematizado para o idioma aché.



FIGURA 1 – Mapa de línguas do subgrupo Tupi-Guarani 1/2 (preto) e outras línguas indígenas (cinza) faladas no Paraguai e suas áreas de fronteira com o Brasil, Bolívia, Argentina.

Fonte: Roessler, 2018, p. 54 (adaptado).

Nota-se que a inclusão do aché como dialeto do guarani tem, de fato, acelerado e ainda hoje acelera o processo de erosão linguística nas comunidades aché, de modo análogo ao que ocorre nas comunidades de falantes de línguas guaranis originárias representadas ainda em território paraguaio (Escobar, 2025, cp).

Com um maior progresso da documentação e análise linguística do aché evidenciou-se que o sistema ortográfico do guarani não é capaz de adequadamente representar todas as propriedades estruturais intrínsecas da língua (Roessler, 2008). Esses estudos linguísticos recentes sugerem que o aché deve ser reconhecido como uma língua distinta, altamente ameaçada e em perigo de extinção, integrada ao subconjunto-1 da família linguística Tupi-Guarani (TG; Dietrich, 1990; Rodrigues, 2000; Roessler, 2008, 2015, 2018). Esta classificação atual, além disso, aponta que o aché é uma língua atípica dentro do conjunto genético, provavelmente envolvendo a gênese como língua de contato pré-colombiano (Dietrich, 1990, Rodrigues, 2000, Roessler, 2008, 2015, 2018). Comparado especificamente com as línguas do subconjunto guarani, o aché exibe distinções significativas em quase todos os componentes gramaticais. Algumas dessas diferenças são cruciais para o desenvolvimento ou reforma do sistema de escrita. A morfologia do aché, por exemplo, é praticamente isolante, contrastando com as línguas Tupi-Guarani, tipicamente aglutinantes (Rodrigues, 1985; Seki, 2000; Dietrich, 1990). Devido às suas propriedades fonológicas, fonotáticas, morfofonológicas e morfossintáticas distintas, um novo sistema ortográfico foi desenvolvido em cooperação entre uma equipe de pesquisa linguística e um grupo representativo de educadores, ativistas e lideranças comunitárias aché. Este processo, iniciado em 2009 e ainda em andamento, está descrito na seção 6 (Roessler, 2008,

2015). No presente trabalho, primeiramente sintetizamos as diversas dimensões linguísticas e extralinguísticas da reforma ortográfica aché. Em seguida, discutimos aspectos da implementação da nova escrita aché no sistema escolar, e o desafiador e contínuo processo de alfabetização de crianças e adultos nas comunidades aché. O artigo encontra-se estruturado da seguinte forma:

A primeira seção (1) aborda a vitalidade linguística nas comunidades aché, essencial para os esforços de preservação e revitalização. Em seguida (seção 2), são apresentadas considerações teóricas sobre o desenvolvimento de sistemas ortográficos para línguas em risco de extinção, pertinentes à reforma de escrita do aché. A próxima seção (3) examina aspectos linguísticos cruciais que demonstram a necessidade de revisar a escrita aché, destacando fatores que a distinguem de línguas dominantes e exigem representação ortográfica adequada. A seção (4) detalha aspectos extralinguísticos relevantes, identificados pelos próprios falantes, líderes e educadores aché. Na seção (5) apresenta-se os métodos empregados para alcançar um consenso comunitário sobre o sistema de grafemas, incluindo pontuação e regras básicas de escrita de palavras. Aqui, a decisão sobre os sistemas de escrita, tomada pela comissão intercomunitária em 2009, é explorada em detalhe. A penúltima seção (6) recapitula os esforços da comunidade, especialmente da rede escolar, entre 2009 e o presente, para implementar e consolidar o sistema de escrita reformado, oferecendo programas de alfabetização em língua materna para crianças e adultos, e até mesmo o ensino do aché como língua estrangeira. A seção final (7) conclui a reflexão do artigo e aponta caminhos futuros. Aplicamos as notações usuais: [...] para uma expressão no nível fonético, /.../ para representações fonológicas e <...> para grafemas/letras.

1. A língua Aché, histórico, vitalidade linguística e documentação colaborativa

O *aché djawu*, conforme denominado por seus falantes, é um idioma criticamente ameaçado. Estima-se que apenas 300 indivíduos nativos e fluentes, acima de 65/70 anos, utilizem a língua ativamente em todos os domínios da fala. Consequentemente, o aché, principal objeto de estudo do projeto de documentação linguística ADOP/ALSP¹, constitui o idioma ancestral de um pequeno grupo de caçadores-coletores que historicamente habitavam as florestas subtropicais do leste do Paraguai, próximo à fronteira brasileira, levando um estilo de vida nômade. A língua aché provavelmente surgiu através de um cenário de contato linguístico na história pré-colombiana, ou seja, o contato entre diferentes populações originária nesta região no decorrer do que se entende hoje como migração tupi-guarani. Evidências para tal hipótese são encontradas tanto nos fatos lexicais e gramaticais da língua, quanto na

¹ *Aché Documentation Project* - ADOP/ALSP, financiado pelo programa DoBeS da Fundação Volkswagen, implementado na Universidade de Frankfurt/Main entre 2008-2014, link: www.mpi.nl/dobes/ache.

etnohistória, como em estudos arqueológicos, entre outras fontes (Rodrigues 2000; Roessler 2008, 2018; Noelli 2025).²

Apesar do número reduzido de falantes fluentes, ainda consegue-se distinguir quatro variantes dialetais do aché, a saber; (i) o *aché do norte*, atualmente falando sobretudo em 3 comunidades perto da reserva florestal de Mbaracayu no departamento de Canindeyú, (ii) o *ache do sul/ñacunday ache* que encontra-se principalmente em uma comunidade no sul do departamento de Alto Paraná, (iii) a variante chamada de *aché yvytyruzu*, registrada em Caazapá, Caaguazú, e por último (iv) o dialeto denominado *ache ua* falado em uma comunidade localizado no departamento de Caazapá. O *aché ua* conta com menos de 5 falantes anciãos, e é até hoje a variante menos documentada neste subconjunto. O mapa na figura (2) representa a distribuição dialetal do idioma aché (Roessler, 2008, 2015, 2018). A diversidade dialética foi, portanto, um componente crucial nos processos colaborativos em torno da reforma ortográfica nessas comunidades. Em todas as comunidades – como certos nuances específicos para cada uma delas – os falantes notam uma constante perda do conhecimento sobre a língua, especificamente nas gerações intermediárias e jovens, e uma pressão forte do influxo do guarani paraguaio. A pressão das línguas dominantes e nacionais aumentou substancialmente nos meados do século XX, quando o contato entre os distintos subgrupos aché, tradicionalmente caçadores-recolectores, entram em contato mais constante e sobretudo sumamente violento com a sociedade paraguaia (Münzel, 1973, 1974, 1983). Devido ao declínio significativo da língua aché desde a segunda metade do século XX, os adultos mais jovens têm incorporado cada vez mais elementos linguísticos do guarani e, em menor medida, do espanhol paraguaio em sua comunicação diária. O uso da língua aché pela maioria dos seus falantes é, em grande parte, confinada à comunicação com os anciãos das comunidades, ou certos domínios da fala por exemplo para atividades tradicionais de caça ou a vida na floresta.

² Para o caso do grupo aché, existem, sobretudo, algumas pesquisas no âmbito da genética humana. Nesses trabalhos, vemos indicações claras de mistura populacional no grupo étnico Aché. A seguinte passagem ilustra seus resultados gerais: “O estudo do DNA Aché sugere uma origem tupi geral, com considerável introgressão de material genético Jê. A simples adoção de uma língua tupi por um grupo de língua Jê não explicaria os resultados de nossas análises, nem a hipótese de os Aché serem descendentes de um grupo Guarani. Nossos resultados sugerem, em vez disso, uma mistura de genomas Tupi e Jê, possivelmente devido à incorporação de indivíduos Jê derrotados em guerras. A absorção pelo grupo, em vez do extermínio dos indivíduos conquistados, era um traço cultural geral das tribos Tupi-Guarani. As tradições orais tanto dos Aché quanto dos Guarani explicam possíveis relações de conquista/escravidão entre essas tribos” (Callegari-Jacques et al., 2008, p. 737).

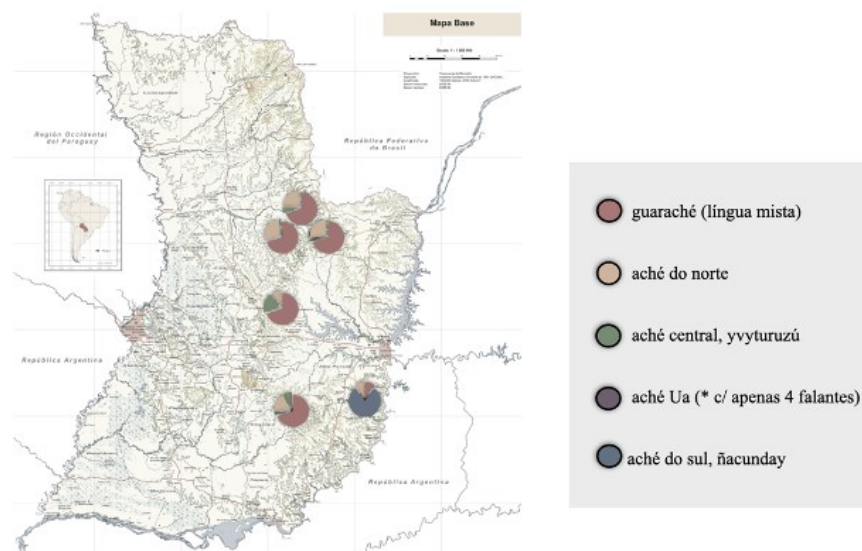


FIGURA 2 – Mapa de Distribuição de variantes dialetais do aché e a língua mista guaraché.

Fonte: ADOP, 2014; Roessler; Hauck, 2024; Hauck;Roessler, 2025.

A escolarização formal, predominantemente em guarani paraguaio, mas abrangendo ambas as línguas nacionais, foi implementada nessas comunidades nas décadas de 1960/70. Esse período coincidiu com a transição forçada dos subgrupos aché de um modo de vida nômade para assentamentos estáveis, estabelecidos pelo governo Stroessner e denominados Colônias Guayakí, um período traumático associado a escravidão, sequestros de mulheres e crianças, e extermínio das grandes partes dos subgrupos aché por violência e doenças (Münzel 1973, 1974, 1983). Poucos anos após o estabelecimento desses assentamentos, a alfabetização foi introduzida por meio de um projeto missionário cristão, encabeçado pela Missão Novas Tribos, com destaque para a atuação da missionária e linguista Ruth Sammons (1978, 1980, 1981). Dada a inicial falta de proficiência na língua aché, os missionários empregaram seu conhecimento do guarani para disseminar, primariamente, ensinamentos religiosos, o que concomitantemente introduziu a escrita nessas comunidades (Thompson, 2019). Nas décadas subsequentes, múltiplas denominações missionárias, católicas e evangélicas, desenvolveram projetos nessas comunidades. Atualmente, a maioria do povo aché professa a fé cristã, embora mantenha aspectos intrínsecos de sua cosmologia originária. Até a primeira década dos anos 2000, o guarani e o espanhol paraguaio serviram como os principais veículos de instrução religiosa e educação escolar formal.

Não obstante a contínua supervalorização do guarani e do espanhol, não se verificou uma completa transição linguística para o guarani paraguaio. Em vez disso, observamos hoje a emergência de códigos mistos complexos que, sob uma perspectiva linguística, devem ser interpretados como uma língua indígena em processo de gênese. O neologismo "guaraché" foi recentemente cunhado por falantes nativos para caracterizar os padrões de fala das gerações intermediárias e jovens, englobando crianças e adolescentes no seio do grupo étnico aché. Embora as variações de alternância de

código sejam percebidas negativamente na comunidade, consideradas por muitos falantes como uma "fala imperfeita" da língua aché, tanto a estratégia de alternância de código quanto o surgimento do guaraché podem possivelmente ser compreendidos como um ato, por vezes inconsciente, de resistência coletiva à erosão linguística em curso. Consequentemente, um estudo mais aprofundado desta variante sublinha a urgência da missão do projeto de documentação linguística colaborativa nestas comunidades (Hauck, 2016, Roessler & Hauck, 2024; Hauck & Roessler, 2025).

2. O desenvolvimento ou a reforma de sistemas de escrita para línguas em perigo de extinção e contextos de revitalização linguística

Embora extensas discussões teóricas e metodológicas abordem o desenvolvimento ortográfico, reformas ou a introdução da alfabetização em culturas tradicionalmente orais, sua implementação prática frequentemente encontra desafios significativos relacionados ao engajamento comunitário, aceitação, alocação de recursos e preservação das nuances linguísticas (Seifart, 2006, Lüpke 2011, Austin 2014). Esta breve seção aponta apenas alguns aspectos específicos desse debate teórico, focando particularmente em como eles se relacionam com a extensa experiência nas aldeias Aché na reforma e unificação do sistema de escrita. Primeiramente, a experiência dos aché, que abrange tanto a seleção quanto a implementação de seu sistema de escrita, destaca há muito a necessidade de estratégias pedagógicas específicas para o contexto. Essas estratégias devem reconhecer a complexa relação entre a erosão linguística, a identidade cultural e os esforços impulsionados pela comunidade na revitalização da língua; todas as noções que hoje são discutidos na literatura (Seifart 2006, Lüpke, 2011; Austin, 2014; Amaral, 2020, Ivo, 2019; entre outros).

Isso contrasta fortemente com precedentes históricos, onde sistemas de escrita indígenas, bem como materiais didáticos, eram frequentemente impostos externamente, resultando em complicações, descontinuidades e uma frequente desconsideração pelas percepções de educadores e falantes nativos (Seifart, 2006; Lüpke 2011, Franchetto, 2008).

O processo altamente colaborativo e reforma ortográfica aché reconheceu inerentemente a natureza dinâmica da língua aché, caracterizada por mudanças gramaticais induzidas por contato e padrões intrincados de perda linguística, devido às características complexas de contextos rurais plurilingue do Paraguai. Para abordar essas complexidades, iniciativas colaborativas lideradas pelos aché transitaram de normas linguísticas rígidas para o abraço da diversidade linguística interna, incluindo variações dialetais dentro de ambientes educacionais formais. Todos estes aspectos, considerados fatores extralinguísticos, são hoje objeto de extensas discussões nas pesquisas acadêmicas sobre educação indígena, sistemas ortográficos, e a revitalização de línguas ameaçadas (Seifart, 2006; Amaral, 2020).

Além disso, os líderes Aché, já em 2009, conseguiram superar, por meio de considerável esforço, o fenômeno que é atualmente reconhecido na literatura como "competição" ou "a guerra de ortografias" (Seifart, 2006; Franchetto, 2008; Lüpke, 2011; Austin, 2014). Tais conflitos frequentemente surgem quando múltiplos sistemas de escrita disputam legitimidade dentro de uma única comunidade linguística, o que pode dificultar severamente as iniciativas de revitalização linguística. Ao longo de mais de 15 anos, a comunidade linguística Aché tem empreendido esforços consistentes para estabelecer um consenso, buscando harmonizar as necessidades e demandas de todos os usuários da língua e da escrita. Este processo envolveu a consulta a representantes de diversos dialetos, falantes especialistas e indivíduos com conhecimento parcial de sua língua nativa.

Desde os estágios iniciais do desenvolvimento da ortografia, os representantes Aché, em colaboração com a equipe de pesquisa linguística, deliberaram sobre os atributos funcionais da escrita. Eles focaram, em particular, na apreensibilidade para falantes proficientes e menos proficientes, na eficiência do processamento da leitura e na carga funcional sociopolítica, aspectos amplamente discutidos em reflexões teóricas (Seifart, 2006; Lüpke 2011, Moore; Nevins 2011). Neste contexto, a função emblemática, associada a atitudes linguísticas específicas dentro das comunidades, teve um destaque especial durante todo o processo de reforma ortográfica Aché (Seifart 2006, para uma discussão dessa noção). Os líderes comunitários, ativistas e educadores enfatizaram um objetivo primordial, que era garantir que o sistema de escrita novo – além de representar corretamente as propriedades fonológicas e gramaticais do aché – se diferenciasse visualmente de sistemas ortográficos mais dominantes presentes no sistema escolar paraguaio. Em retrospectiva, essa estratégia revelou-se crucial para fomentar e fortalecer uma identidade linguística distinta, valorizando a língua (e escrita) Aché tanto no âmbito da escolarização quanto na sociedade Aché como um todo.

3. Aspectos linguísticos relevantes para a reforma ortográfica

Nesta seção, exploramos os aspectos cruciais da fonética-fonologia, fonotática e morfologia da língua aché, bem como outras questões gramaticais intrinsecamente ligadas às escolhas do sistema de escrita. Adicionalmente, discutiremos sucintamente sobre questões pertinentes ao léxico aché. Propomos a responder, sob uma perspectiva linguística e extralinguística, a uma indagação de longa data no Paraguai: *Por qual razão não se optou por representar a língua aché utilizando a ortografia oficial e corrente do guarani paraguaio?*

Primeiramente, os estudos recentes da língua aché indicam um sistema fonológico de segmentos mais reduzido quando comparado ao guarani paraguaio (Roessler, 2008). O sistema vocálico do aché é similar ao descrito para línguas Tupí-Guarani, com seis fonemas vocálicos orais (/i, i, u, e, o, a/) e seis nasais correspondentes (Sammons 1979, Roessler, p. 31). Foneticamente, /e/ e /o/ podem ser realizados de forma fechada [e, o] ou aberta [ɛ, ɔ], elementos em distribuição livre (lexical), e sem

distinção de significado. Não há diferenças significativas na qualidade ou duração vocálica entre o aché e línguas guarani.^{3/4} Agora, diferente do que encontramos na literatura sobre a fonologia do GP, os vogais nasais no aché são considerados a *única* fonte de nasalidade. A propriedade nasal é transmitida das vogais nasais no núcleo da sílaba e afeta apenas os segmentos consonantais em direta adjacência, ao em vez de toda a palavra fonológica. Ou seja, o aché não apresenta um espreamento ou harmonia nasal de longa distância, como frequentemente observado em outras línguas de afiliação Tupí-Guarani; um fator evidentemente fundamental para a reforma do sistema de escrita da língua (Piggott, 1992; Costa, 2007; Roessler, 2008). Dado as atuais descrições, podemos constatar que as maiores distinções fonéticas e fonológicas se encontram no sistema consonantal do aché (ver seção 6). O processo de nasalidade descrito no parágrafo anterior afeta a distribuição dos segmentos consonantais, mas especificamente a análise das oclusivas sonoras, que não apresentam pré-nasalização no início de palavras em contextos vocálicos orais (Roessler, 2008, p. 33, 43-44).

Assim, itens lexicais como <bégi> ['be.gi] 'cão, cachorro' ou <daregi> [da.'re.gi] 'mulher jovem' não exibem pré-nasalização no início da palavra em *aché djawu* (Roessler, 2008, p. 33). Nas línguas do conjunto guarani, não existem oclusivas sonoras sem nenhuma pré-nasalização. Nota-se, no entanto, que alguns falantes do aché, principalmente (parcialmente) bilíngues, podem com frequência utilizar a pré-nasalização também no início da palavra, uma característica da fala de semi-falantes. Assume-se aqui, portanto que os fonemas de oclusivas sonoras próprias da língua aché exibem a seguinte alofonia:

(1)

$$\begin{array}{llll} /b/ \rightarrow & [b] & / & \#_V; V_V \\ & [m] & / & \#_V; V_V; V_V \\ & [mb] & / & V_V \end{array}$$

Não existe, em aché, evidência por fonemas nasais que sejam independentes dessa distribuição como alofones das oclusivas sonoras. Os dados a seguir evidenciam esse fato:

³ Em análises anteriores, por exemplo no estudo da linguista do Missão Novos Tribus (New Tribes Mission, NTM) Ruth Sammons, postula a existência de vogais longas com relevância fonológica, que reflete, de certo modo, uma intuição de alguns falantes da língua aché. No nosso estudo, estas condições fonológicas não puderam ser confirmadas (Sammons, 1960). De fato o aché contém palavras dissilábicas onde os dois núcleos silábicos são preenchidos com o mesmo segmento vocálico e uma glotal, que ocorre no onset da segunda sílaba pode ser omitido em situações de fala rápida, por exemplo em palavras como *kwa'a* [kwa.'a] 'saber' ou *pre'e* [pre.'e] 'canto/cantar' que podem ser realizados por alguns falantes como [kwa.'a] ou [pre.'e] (Roessler, 2008, p. 32).

⁴ É evidente que esta afirmação depende da análise do Guarani, ou línguas TG que assumimos em relação a nasalidade. Existem análises que consideram vogais nasais como variantes fonéticas, alofones dos fonemas vogais orais (Gregores & Suarez, 1967; Piggott, 1992, p. 57). Por outro lado, existem autores que assumem seis fonemas vocálicos nasais e seis orais em línguas guarani, e, portanto, uma fonte dupla de nasalidade no espreamento nasal (Costa, 2007). O objetivo do nosso trabalho neste instante não é de contribuir ao debate acerca do espreamento de nasalidade em línguas guarani, apenas mostraremos como nasalidade precisa ser tratado no sistema fonológico da língua aché.

(2)

- a. <beru> [be.'ru] 'mosca, homem branco'
- b. <duwe> [du.'we] 'outro'
- c. <gerô> [ge.rô] 'papagaio'
- d. <djamo> [dʒa.'mô] 'grandfather, onça'
- e. <mynga> [mĩ.'ŋga] 'mel'
- f. <machi> [mã.'tʃi] 'flecha' (específico do aché sul)
- g. <memby> [mẽ.'mbi] 'filho de mulher'
- h. <nandje> [nã.'ndʒe] 'nos, pron.1PL.IN'
- i. <kmino> [kmĩ.'nô] 'neto/a'
- k. <kârê> [kã.rê] ~ [kã.nê] 'quati'

(Roessler, 2018, p. 245-252)

Como visível nos dados (2d/h), além das oclusivas, a nasalidade vocálica pode alterar a realização da africada alveopalatal /dʒ/ que em determinado contexto ocorre pré-nasalizada. O tepe /r/ também se realizado como variante nasal alveolar [n] quando encontrado entre vogais nasais, como representado pelo dado (2j versus 2k). Para a última distribuição atestamos, no entanto, uma variação individual entre falantes, que não parece depender da diversidade dialetal, pois há falantes (especificamente mais velhos) que realizam [n] entre vogais nasais, ou outros que mantêm o tepe [r]. O restante dos segmentos consonantais do aché não se afeta com nasalidade, mas diferente do que atestado para o conjunto guarani, a nasalidade não pode espalhar para além desses segmentos afetando o resto da palavra fonológica (Roessler, 2008). Segundo esta análise do sistema fonológico, o aché conta com apenas 12 fonemas consonantais, entre eles as obstruentes /p, t, tʃ, k/ e as soantes /b, w, d, r, dʒ, j, g/ (Roessler, 2008, p. 56). Acerca da oclusiva glotal /ʔ/ ainda existe uma questão em aberto, por enquanto ela é classificada como um segmento de uso epentético que ocorre (praticamente) sempre em contextos de reduplicação fonológicas do aché, com poucas exceções encontradas no léxico da língua (Roessler, 2008). Observamos mais de 100 itens lexicais como a seguinte estrutura no léxico aché.

(3)

- a. <pwa.'a> [pwa.'ʔa] (sul) ~ <fwa.'a> [wa.'ʔa]
- b. <killu'u> [kju.'ʔu] 'contar, teach'
- c. <kbe'e> [kbe.'ʔe] 'homem' (aché do norte);
~ <be'e> [be.'ʔe] 'homem' (aché do sur)
- d. <tô'ô> [tô.'ʔô] 'cabeça'
- e. <kra'a> [kra.'ʔa] 'estômago'
- f. <llu'u> [ju.'ʔu] 'à direita'
- g. <ký'y> [ki.'ʔi] 'piolho'

(Roessler, 2008, p. 41)

Um outro contraste fonológico do âmbito consonantal que é específico da língua aché e assim de suma importância para o debate acerca da ortografia é o contraste entre a africada alveopalatal /dʒ/ e o glide palatal /j/; fato evidenciados por pares mínimos como <djapo> [dʒa.'pə] 'hacer' e <llapo> [ja.'pə] 'coisa/propriedade'. Enquanto nas línguas guarani estes dois segmentos existem, eles se encontram em uma distribuição variacional ou dialetal, o guarani paraguaio utiliza <(che) ajapo>

[a.ja.'pɔ] 'eu faço' mas em algumas variantes originárias da língua encontramos realização como <(che) ajapo> [a.dʒa.'pɔ] 'eu faço'. O atestado contraste fonológico na língua aché justifica um tratamento diferenciado na representação ortográfica da língua (voltamos a este assunto na seção (6)). No nível segmental, resta mencionar mais um aspecto particular do aché, isto é que encontramos a fricativa bilabial surda [ɸ], em vez dos segmentos típicos do guarani, a fricativa bilabial sonora ou a labiodental [β, v]. Agora, vale a pena ressaltar que o segmento [ɸ] é próprio das variantes aché do norte e aché yvytyruzu.

No aché sul ou dialeto ñacunday, este segmento é ausente e substituído por [p]; como mostra o contraste do item lexical <pwa.'a> [pwa.'ʔa] 'macaco' (sul) ~ <fwa.'a> [ɸwa.'ʔa] 'macaco' (norte, yvytyruzu). Essa distinção dialetal provocou discussões importantes na assembleia de representantes responsável pela reforma ortográfica, às quais voltaremos na seção (6). A ausência das fricativas [β, v] em falantes fluentes e nativos do aché gera outro debate, mas observa-se que o aché *djawu* em falantes mais proficientes contém apenas um aproximante lábio-velar sonora [w]. Para o uso da escrita, especialmente em falantes acostumados com a escrita do GP, a falta de fricativas labiodentais e com isso a ausência da letra <v> no aché gera alguma confusão, e foi alvo de diversos debates.

A seguir, serão examinadas questões fonotáticas, tais como a estrutura silábica, a estrutura acentual, e morfofonológica, as regras de acentuação lexical, e ainda a restrição da palavra mínima no aché. Ambos exerceram influência na concepção do sistema ortográfico do idioma. Observamos, neste aspecto, uma propriedade que destoa bastante do que foi descrita para sistemas fonológico e fonotáticos de línguas TG. Isto é, que o aché permite um rico conjunto de encontros ou *clusters* consonantais intrasilábicos, gerando assim sílabas abertas, mas com *onset* complexos; CCV (Roessler, 2008, p. 31). As línguas guarani, no geral, não permitem um *onset* complexo, a estrutura silábica é restrita a sílabas sempre abertas, (C)V (Gregores & Suarez, 1967).

Em contraste, no aché o *onset* complexo está frequentemente encontrado em itens lexicais claramente cognatos com material lexical do guarani, e deriva historicamente da queda de vogais. Este processo é uma consequência de uma restrição do tamanho da palavra lexical que se atestou como característica importante da língua aché (Roessler, 2008). O cognato da palavra <breko> 'esposa' do aché em (4a) seria <(r)embireko> 'a esposa de alg.' em guarani, a palavra <krumi> 'criança' (4b) corresponde a palavra <kurumi> do guarani, para item lexical <kre'y> 'sol' (4l) do aché encontramos o corresponde <kuarahy> 'sol' no guarani. Notamos, então, que a grande maioria das palavras lexicais simples do aché é restrita a duas sílabas com acento final, (C)CV.'CV, fato analisado na descrição aqui assumida como uma restrição fonotática; a regra da *palavra mínima* (Roessler, 2008, p. 63-66).

(4)

- a. <breko> [bre.'ko] 'esposa'
- b. <krumi> [kru.'mɪ] 'criança'
- c. <kllu'u> [kju.'ʔu] 'contar, teach'
- d. <kbe'e> [kbe.'ʔe] 'homem' (aché do norte);
~ <be'e> [be.'ʔe] 'homem' (aché do sur)
- e. <kbuchu> [kbu.'tʃu] 'homem jovem, moço'
- f. <pja'a> [pja.'ʔa] 'ovo'
- g. <kra'a> [kra.'ʔa] 'estômago'

- h. <kmino> [kmĩ.'nõ] 'neto/a' (aché do norte)
 i. <djwe'e> [dʒwe.'ʔe] 'querer'
 j. <brawo> [bra.'wɔ] 'grávida/gravidez'
 k. <prawo> [pra.'wɔ] 'amar/amor'
 l. <kre'y> [kre.'ʔi] 'sol'

(Roessler, 2018, p. 245-252)

Palavras compostas muitas vezes se formam a partir de duas palavras lexicais simples (C)CV.'CV, apresentando então um acento primário final e o acento secundário na segunda sílaba. Como o acento primário lexical muito regularmente recai sobre a última sílaba da raiz lexical, apenas palavras excepcionais como <bégi> [bé.'gi] 'cão'; <llábu> [ʔja.bu] 'encima/acima', ou <kádji> [ka.dʒi] 'floresta' destoam desse padrão e precisam um tratamento ortográfico diferenciado.⁵

Antes de discutir aspectos extralinguísticos com importantes implicações para a escolhas feitas na reforma ortográfica, tal como na implementação do novo sistema nas comunidades, discutimos ainda alguns aspectos morfossintáticos que influenciam as regras ortográficas aché. Como mencionado, inicialmente o aché, apesar de ser uma língua TG do subgrupo-1, raiz e palavra frequentemente se sobrepõem, se aproximando tipologicamente de línguas isolantes. Trata-se de uma propriedade que historicamente é associada à emergência da língua em um cenário de contato linguístico, como introduzido acima (Roessler, 2008, 2015, 2018). O exemplo paralelo do guarani paraguayo (5) e do aché em (6) ilustram esta propriedade específica do aché, quando comparado com línguas mais típicas da família linguística TG (Roessler, 2015, p. 373):

(5) Guaraní Paraguaio

che- jarý -i		i-guaiguĩ	eterei-ma
1SGB-avó-DIM		3PS-velho-DIM	muito-COMPL
ha'e	o-vy'a	o- guata -vi	villa-re
pron.3SG	3PS.A-gosta	3PS.A-andar-ASP	aldeia-LOC

'Minha avó é muito idosa e gosta de passear pela aldeia.';

(6) Ache – Ñacunday Dialect

<i>cho djary</i>	<i>djwei buchã</i>	<i>go wata ury</i>	<i>chupa-pe</i>
1SG avó	velho muito	DEM andar feliz	aldeia-LOC

'Minha avó é muito idosa e gosta de passear pela aldeia.'

⁵ Estas palavras historicamente derivam de uma raiz lexical concatenado com um morfema funcional <-gi> [NLZ], <-bu> [COND], <-dji> [LOC], mas que hoje se encontram como itens lexicalizados na língua aché.

A relação de cognatos em itens lexicais é quase sempre evidente, visto que o aché compartilha cerca de 90% de seu léxico com línguas Tupi-Guarani.⁶ Contudo, tipologicamente, a morfologia da língua é bastante diferente de línguas TG mais típicas. O único elemento funcional mantido neste exemplo do aché é a marca do locativo <-pe> LOC.⁷ Todos os outros elementos funcionais exemplificados – sejam prefixados, sufixados, clíticos ou partículas atestadas nos dados do guarani, e que codificam vários valores funcionais, desde a marcação de pessoa e número em verbos e estativos, ou posse em estruturas nominais, marcas de caso, até informações temporais e aspectuais – não se mantêm na língua em questão. Sendo assim, notamos que a palavra fonológica é mais simples em termos morfológicos, um fato que nos reconecta, por exemplo, ao debate sobre o espriamento da nasalidade. Vemos que em uma língua como a aché não há de fato um domínio muito grande para o espriamento de traços nasais dentro da palavra fonológica (Roessler, 2008).

A língua aché caracteriza-se pela presença um pouco mais de 20 morfemas funcionais, os quais são invariavelmente concatenados à direita da raiz lexical (Roessler, 2015, p. 377). Dentre esses morfemas, predominam os clíticos, embora também se observem alguns sufixos e partículas livres. Notavelmente, a língua aché não exibe qualquer ocorrência de prefixação, ou seja, atestamos a perda completa de sua morfologia funcional relacionada à concordância e à marcação de argumentos em geral, englobando elementos como marcas de sujeito, objeto ou marcas relacionais (Rodrigues, 1990; Payne, 1994; Rose 2015). Com a perda de prefixação, também não se verifica no aché a presença de marcas associadas à valência verbal. Essa configuração morfológica possui, indubitavelmente, implicações diretas para a elaboração da representação ortográfica das palavras. Por motivos de espaço, encerra-se, neste ponto, a análise dos aspectos estritamente linguísticos. Na seção subsequente, serão abordadas questões extralinguísticas de grande relevância para a reforma ortográfica do aché.

4. Aspectos extralinguísticos que motivaram a reforma ortográfica a partir de 2009

Desde o início do nosso trabalho com a língua aché, entre 2005 e 2008, observamos que a ortografia do guarani era a estratégia predominantemente empregada nas comunidades para representar o *aché djawu*. Todavia, sua aplicação prática carecia de coerência na representação ortográfica. Consequentemente, falantes nativos de todas as comunidades perceberam, a partir do seu conhecimento intuitivo

⁶ Algumas dessas relações são, no entanto, bastante complexas, observamos além da reestruturação da estrutura fonológica, ainda uma reestruturação semântica e mudanças de significado de muitos itens lexicais. Especialmente no âmbito do léxico sobre flora e fauna, a relação de cognatos entre as duas línguas é mais difícil de estabelecer em muitos casos.

⁷ O morfema serve em outros contextos como marca diferencial de objeto (DOM) destacando complementos diretos animados e específicos em transitivas simples, ou como marca de caso dativo em estruturas bitransitivas (Roessler, 2018).

da língua originária, que o sistema de escrita do guarani não era capaz de apreender adequadamente as propriedades da língua aché, solicitando, em diversas ocasiões, uma revisão do sistema ortográfico.

Para além do sistema de escrita guarani, é importante salientar a existência de abordagens ortográficas alternativas ou em competição, introduzidas a partir da metade do século XX por pesquisadores, missionários e educadores externos às comunidades. Notadamente, estudiosos de diversas disciplinas, sobretudo europeus, comumente empregavam representações ortográficas calcadas em suas respectivas línguas maternas. Assim, nos dados escritos, em particular nas publicações do século XX, identificam-se grafias da língua aché que emulam os sistemas de escrita do inglês, francês, alemão, italiano, entre outros (Clastres [1972] 1998; Münzel, 1973, 1974, 1983; Susnik, 1960, 1961, 1962). Adicionalmente, mesmo Ruth Sammons, representante do Missões Novos Tribus (MNT) e a única pessoas com formação linguística mais aprofundada a atuar nas comunidades entre os anos de 1970 e 1980, não fundamentou explicitamente sua proposta gráfica para o aché em uma análise linguística fonológica precisa (veja Sammons, 1978, 1980, 1981). Por conseguinte, alguns dos pesquisadores instruiu um grupo seletivo de falantes, seus colaboradores de pesquisa, no uso de seus sistemas, sem, contudo, incentivar uma reforma ortográfica abrangente e sistemática ou apoiar a implementação de programas de alfabetização junto à comunidade de falantes. Em síntese, a representação escrita das palavras aché era, na prática, heterogênea e dependia de cada falante-escritor.

Nesse período, uma notável frustração entre os falantes foi manifestada devido à inconsistência na padronização da escrita. Essa situação era observada tanto no projeto ADOP de documentação linguística, iniciado em 2008, quanto no ambiente educacional, especificamente no ensino inicial da língua aché. Como resultado, os membros das comunidades frequentemente associavam a ausência de um sistema de escrita coerente a uma desvalorização de sua língua materna, especialmente frente ao sistema educacional e às línguas oficiais do Paraguai. A falta de consistência e ensino se associava com frequência à ideia de que os falantes aché possuíam uma atitude negativa em relação à sua língua nativa. Consequentemente, falantes, educadores e ativistas de todas as comunidades ressaltaram a necessidade de desenvolver materiais didáticos e um sistema de escrita autóctone. Esse esforço visava tanto a elevação da atitude em relação à *língua aché* quanto a afirmação da identidade étnica e linguística dos Aché, elemento considerado crucial pelas comunidades.

Conforme evidenciado pelos relatos da equipe pedagógica, o espanhol paraguaio e o guarani paraguaio eram as línguas predominantes nas salas de aula entre a década de 1990 e o início dos anos 2000. O uso do aché, nesse período, limitava-se a contextos informais de tradução em sala de aula, com alguns indivíduos atuando como intérpretes escolares para facilitar a comunicação de conteúdos educacionais. Com o tempo, alguns desses intérpretes progrediram para a função de educadores, iniciando o ensino na língua nativa, apesar da carência de apoio governamental, ou materiais didáticos e metodologias pedagógicas adequadas. Naquela conjuntura, tanto os sistemas educacionais quanto as entidades nacionais não reconheciam o aché como uma língua autônoma, negligenciando, consequentemente, a relevância de sua instrução em ambiente escolar. Adicionalmente, a adesão a diferentes grupos religiosos influenciou a escrita do aché, seus sistemas e regras ortográficas, dado que distintas missões evangélicas e católicas operavam de forma bastante independente

em diferentes comunidades, o que resultou no final do século XX e início do século XXI na formação de subgrupos dentro da etnia aché que empregavam ou foram capacitados em sistemas de escrita em competição. Adicionalmente, conforme os depoimentos de membros da comunidade, líderes, ativistas e educadores, os Aché nunca se identificaram como parte do grupo étnico guarani. Essa constatação, portanto, também justificou, o desenvolvimento de um sistema ortográfico próprio e adequado para a língua aché.

Nesse contexto, é que emergiu a demanda explícita das diversas comunidades de falantes, impulsionando a criação de uma ortografia autóctone para a língua aché. Em resposta a essa demanda, uma comissão com ampla representação de todas as comunidades, em colaboração com o projeto ADOP de documentação linguística, foi estabelecida em 2009. A criação de um alfabeto aché, por conseguinte, foi considerada pelas comunidades e falantes um passo fundamental para fomentar futuros processos de educação escolar e/ou de revitalização linguística para todas as variantes da língua aché. Na seção 6, a seguir, serão detalhados os aspectos metodológicos da reforma ortográfica, descrevendo como se alcançou um consenso inicial sobre o alfabeto da língua, bem como sobre as regras básicas de pontuação e representação lexical. Finalmente, a seção 7 examina os aspectos cruciais da consolidação, implementação e pedagogia da escrita desde 2009 até o presente, destacando alguns êxitos, desafios, controvérsias e as iniciativas futuras da comunidade no contexto do ensino escolar e dos esforços de manutenção e revitalização da língua aché.

5. Método: Uma reforma ortográfica colaborativa

A reforma ortográfica para o *aché djawu* iniciou-se por meio de uma oficina que reuniu uma comissão representativa, composta por falantes, educadores, especialistas, ativistas e atores políticos das seis comunidades aché. O "1º Oficina sobre a Língua Aché" foi realizado de 5 a 9 de janeiro de 2009 na escola de Chupa Pou, aldeia aché localizada no departamento de Canindeyú, Paraguai. Um total de 48 participantes compareceram para discutir o sistema de escrita, o trabalho educativo e possíveis esforços de manutenção e revitalização do idioma aché. Além dos especialistas e representantes das comunidades aché, foram convidados representantes nacionais do sistema educativo, educadores, diretores não-aché das escolas, membros do ensino superior em pedagogia e antropologia, e membros da comunidade científica nacional e internacional que, em 2009, desenvolveram pesquisas de diversas naturezas nas seis comunidades aché. O objetivo principal dessa comissão foi estabelecer um sistema de escrita de fácil assimilação para falantes nativos, semi-falantes e falantes não-nativos (membros da etnia aché e pessoas não aché) visando unificar as representações escritas em todas as comunidades aché. Este sistema precisava, além disso, apresentar uma função distintiva em relação ao sistema de escrita do guarani paraguaio, sem, contudo, desconsiderar as importantes distinções dialetais inerentes ao grupo étnico aché. A seguir, listamos alguns dos componentes temáticos centrais dessa oficina:

- Integração e coordenação entre os diversos grupos de trabalho educativo e de pesquisa ativos nas seis comunidades aché (em 2009);
- Realização de uma oficina introdutória sobre documentação linguística em comunidades de línguas em perigo de extinção, abordando, por exemplo, a questão: “O que caracteriza uma língua ameaçada?”;
- Exposição do projeto ADOP e suas possíveis implicações para a sustentabilidade e revitalização do *aché djawu*;
- Condução de uma oficina colaborativa e mesas redondas focadas na identidade linguística aché e na importância do sistema de escrita para sua preservação;
- Oficina sobre materiais didáticos, sua elaboração e financiamento;
- Apresentação dos direitos dos povos originários relacionados às línguas, conforme estabelecido pela legislação nacional;
- Introdução aos aspectos fonéticos, fonológicos e gramaticais do aché, relevantes para o desenvolvimento do sistema de escrita, incluindo treinamento prático;
- Organização de oficinas sobre as práticas atuais de escrita para o idioma aché;
- Demonstração de três propostas de alfabetos que abrangem todos os aspectos fônicos e estruturais do aché, distinguindo-se por considerações extralinguísticas;
- Condução de uma oficina para a eleição de um alfabeto, seguida de treinamento para seu uso;
- Sessões diárias de narrativas, cantos (*pre'e*) e choro (*chinga*) e outras expressões de arte verbal, conduzidas por falantes-especialistas;
- O encontro se encerrou como uma demonstração da pesca coletiva (*pira paydja*).

O objetivo principal deste encontro foi congregar as partes interessadas na discussão da ortografia Aché, englobando as diversas comunidades e as entidades externas envolvidas. Consequentemente, especialistas e educadores Aché foram munidos de informações cruciais a respeito de seus direitos enquanto comunidade indígena, bem como conhecimentos sobre a preservação linguística e o desenvolvimento ortográfico, capacitando-os a tomar uma decisão informada acerca de seu futuro sistema de escrita.



FIGURA 3 – Sessão de coleta de dados intercomunitários, para a ilustração de diferenças dialetais e para discutir inconsistências na escrita antiga, janeiro, 2009, Chupa Pou/Canindeyú.

Fonte: Os autores

A equipe ADOP fez uma contribuição fundamental ao introduzir três alfabetos distintos, cada um concebido para representar com precisão as propriedades linguísticas e o léxico Aché. Contudo, esses sistemas apresentavam divergências em atributos extralinguísticos, como o processamento da leitura, a aprendizagem e a função emblemática. O primeiro sistema espelhava o sistema de escrita guarani, exigindo apenas acréscimos mínimos para acomodar distinções fonológicas essenciais, sem alterar o inventário de grafemas. Em contraste, o segundo sistema propunha a fusão de grafemas para criar um sistema ortográfico inteiramente novo que, embora utilizasse letras latinas, fosse visualmente distinto daquele empregado das duas línguas nacionais. O terceiro sistema representou uma solução intermediária, a qual foi finalmente selecionada pelos falantes aché. Este sistema, apesar de reter um reconhecimento significativo para falantes familiarizados com a escrita guarani, conseguiu capturar todas as características fonológicas críticas e certas propriedades da superfície fonética, principalmente através da incorporação de três novos grafemas/letras.

Os dois iniciais <dj> e <ll> estão ausentes na escrita guarani; sua inclusão serviu para diferenciar palavras dos aché como <djapo> ‘fazer/trabalhar/trabalho’ e <llapo> ‘coisa/propriedade’, conforme abordado na seção (4). Uma modificação adicional envolveu o uso exclusivo de <w> em vez de <v>, refletindo a ausência de segmentos fricativos [v, ð] correspondentes do guarani e a presença exclusiva do aproximante labial-velar sonoro /w/. É certo, no entanto, que falantes mais influenciados pelo GP usam em certos contextos tais fricativas, a ausência completa dela se nota apenas em falantes-especialistas, falantes nativos de idade elevada, fato que até hoje leva a algum nível de controvérsia e desconforto em alguns falantes-escritores. Assumimos na descrição que eventuais ocorrências dessas fricativas seriam variantes fonéticas possíveis em falantes mais novos, todos ligados ao fonema /w/.

A terceira propriedade notável dizia respeito à ocorrência de oclusivas sonoras *sem pré-nasalização* em posições iniciais de palavras e contextos não nasais em aché, assim o alfabeto aché inclui

os grafemas <b, d, g>. A representação ortográfica dos fonemas afetados pelo espriamento nasal, processo introduzido na seção (4), mantém um padrão superficial que busca captar a realidade fonética (Seifart, 2006). Tal abordagem visa a facilitar a aprendizagem da escrita e o processamento de leitura não apenas para crianças, mas, sobretudo, para falantes com conhecimento parcial do aché djawu, cuja intuição implícita acerca da pronúncia pode ser parcialmente atenuada. Escreve-se, portanto, <memby> [mẽ. 'mbi] 'filho de mulher', <nandje> [nã. 'ndʒe] 'nos, pron.1PL.IN', <kmino> [kmĩ.nõ] 'neto/a'.

Um último aspecto que claramente diferencia a imagem ortográfica do aché de outras línguas tupi-guarani é a presença de encontros consonantais em palavras como <kbe'e> [kbe. 'ʔe] 'homem' (aché do norte), and <kmino> [kmĩ. 'nõ] 'neto/a' (aché do norte). Observe que, para essas palavras, o dialeto do sul mantém uma representação autóctone de suas correspondências lexicais, visto que a comissão, em 2009, decidiu permitir algum nível de representação alternativa de palavras próprias de um determinado dialeto. Os povos do sul, portanto, escrevem <be'e> [be. 'ʔe] 'homem' (aché do sur, ñacunday) e <mino> [mĩ. 'nõ] 'neto/a' (aché sur, ñacunday). Isso vale para um amplo subconjunto do léxico: os dialetos são capazes de reter suas expressões autóctones e representam algum nível de diferenciação na pronúncia das palavras. Dado o contato direto e pacífico entre as comunidades e um enorme senso de unidade dentro e entre os diferentes subgrupos, todos os falantes estão acostumados a ouvir ou ler essas diferentes formas, portanto, nenhum dos dialetos recebeu preferência dentro do sistema de escrita.

a _[a]	ã _[ã]	b _[b/mb]	ch _[tʃ]
d _[d/nd]	dj _[dʒ]	e _[e/ɛ]	ẽ _[ẽ/ɛ̃]
f _[f]	g _[g/ng]	i _[i]	ĩ _[ĩ]
ll _[j]	m _[m]	n _[n]	o _[o/ɔ]
p _[p]	r _[r]	t _[t]	ũ _[ũ]
w _[w,v,β]	y _[y]	ỹ _[ɣ]	' _[ʔ]

FIGURA 4 – Alfabeto aché reformado pela comissão intercomunitária aché e possíveis correspondências fonéticas,

Chupa Pou, 2009.

Fonte: Hauck, *et al.* 2017.

6. Implementação e Ensino do Novo Sistema de Escrita

Em 2007, foi aprovada a Lei 3231/07 no Paraguai, que criou a Direção Geral de Educação Escolar Indígena dentro do Ministério de Educação (DGEEI, MEC, Assunção). Em 2009, foi realizado o Segundo Congresso de Educação Indígena no Paraguai. Durante este evento, os 19 povos originários do Paraguai enfatizam de forma unida, que sua língua materna deve ser considerada a base para a aquisição de conhecimentos, valores e para a aquisição de outras línguas. Estabeleceu-se no nível nacional que as crianças em comunidades originárias que iniciam seu processo de aprendizagem em sua língua materna teriam uma maior capacidade de se desenvolver cognitivamente e usufruir dos conteúdos escolares.⁸ O processo de reforma ortográfica nas aldeias aché já tinha sido iniciado neste momento. Uma vez escolhido o alfabeto, algumas regras básicas sobre pontuação e representação de palavras, o árduo trabalho de revisão, de manutenção de consenso e da implementação do ensino da escrita estava prestes a começar.

Após a oficina inicial de janeiro 2009, uma série de reuniões de menor escala foi conduzida, envolvendo professores e líderes comunitários, com e sem a participação a consultora linguística do projeto ADOP entre os anos 2009 a 2012, encontros visando à revisão e o treinamento de educadores aché. Esses encontros, em grande parte organizados pela própria direção/supervisão escolar aché, e com isso pelos próprios educadores aché, ocorreram nas seis aldeias, várias vezes ao ano integrados no fluxo contínuo das equipes de educadores, mas também no Ministério da Educação e em seu departamento dedicado à educação escolar indígena (DGEEI, MEC, Assunção), além de contar com a presença de representantes da Secretaria de Políticas Linguísticas do Paraguai. Apenas em uma reunião no dia 11 e 12 de julho, do ano 2012 a ortografia foi formalmente aprovada pelas lideranças de todas as comunidades e, subsequentemente, desde 2015 esta decisão é reconhecida por todas as entidades governamentais pertinentes ao processo educacional.

No âmbito do projeto ADOP, também se realizou uma série de oficinas, principalmente entre 2009 e 2016, envolvendo o treinamento de adultos, principalmente pesquisadores e consultores aché, no uso do novo sistema de escrita. Os pesquisadores aché receberam formações sobre a escrita, sobre o sistema gramatical da língua aché e sobre questões metodológicas e tecnológicas na área de documentação. Cerca de 40 pesquisadores aché foram, ao longo dos anos, envolvidos no desenvolvimento do corpus documental do aché. Estas pessoas evidentemente se tornaram altamente qualificadas no uso da nova ortografia, utilizando-a principalmente na transcrição de materiais documentacionais. Eles também agiam como catalisadores em relação à implementação da ortografia, transmitindo a suas habilidades a outros segmentos da comunidade, a outros adultos nas

⁸ A Constituição paraguaia de 1992 reconheceu o espanhol e o guarani como línguas oficiais, dando ao guarani status de língua indígena com reconhecimento legal na América Latina. A Lei de Línguas n° 4.251 de 2010 tornou essa oficialidade uma realidade legal, exigindo que todos os documentos oficiais sejam produzidos em ambas as línguas. A legislação também estabelece a criação de um plano de educação bilíngue guarani-espanhol em todos os níveis de ensino, da educação inicial ao superior, com planos diferenciados para os povos indígenas, reconhecendo as suas línguas originárias, garantindo o direito a educação na língua materna e a proteção de discriminação ligado às línguas originárias.

suas famílias por exemplo. Com isso, o projeto ADOP contribuiu não apenas para o processo de elaboração do sistema ortográfico reformado, ou para a formação de docentes aché, mas também engatilhando uma maior conscientização sobre a revitalização da língua na população mais ampla em todas as seis comunidades. Após os primeiros anos do projeto ADOP, mais e mais pessoas, ativistas, educadores, pais, e inclusive representantes se interessavam pela língua e sua manutenção e os falantes-especialistas mais antigos se tornaram um ponto central na luta pela preservação e revitalização. As comunidades mesmo criaram projetos visando a preservação da língua e de conhecimento cultural, como programas de rádio, mas sobretudo, um evento chamado a “Semana Cultural Aché”, evento de grande dimensão que reúne uma parte significativa das populações das seis aldeias uma vez por ano em um sistema rotatório. Os anciãos ganham um papel de destaque nestas reuniões, contando mitos, histórias de vida, apresentando cantos (*pre'e*) e choros (*chinga*) tradicionais. Os jovens utilizam a língua originária na sua produção cultural em forma de músicas de estilos mais modernos, e pela primeira vez este ano em um concurso de literatura.

Mesmo na escola os falantes-especialistas mais velhos cumprem um papel importante, participando em estratégias educativas com sessões de contos, gravações de podcast, ou em excursões educativos. Em algumas instâncias, os idosos levam as crianças em idade escolar para a floresta; ensinando a língua aché nos domínios de uso mais tradicionais, durante atividades de caça e coleta (Hauck, 2016). Para além dessas experiências foram criados materiais na língua, por exemplo, sobre temas como o meio ambiente, a alimentação ou a saúde.

Voltando ao desenvolvimento do material didático escolar, é evidente que todas as oficinas e jornada, desde o início, envolveram mais do que apenas a seleção de um alfabeto e constantes debates e revisões acerca da escrita. Os educadores aché, que atualmente preenchem entre 98 e 100% das vagas de educadores ou *maestros* (*kllutygi*) no ensino da primeira infância e básico, também trabalham constantemente em propostas de materiais escolares e métodos de ensino para todos os idades e grupos de alunos. Apenas no ensino no nível do colégio/ensino médio, que já existe em 5 de 6 comunidades da etnia aché, não foi ainda implementado a língua originária como veículo de ensino. O treinamento de futuros educadores, licenciados no ensino da língua aché, e que possam preencher esta demanda para o ensino médio, é uma das principais preocupações atuais da própria direção escolar aché.

O desenvolvimento do material escolar para o ensino infantil, fundamental e básico está exclusivamente a cargo dos educadores aché, coordenados e orientados pela diretoria/ supervisão da educação escolar aché desde 2009. O coordenador atual da direção/supervisão de educação escolar aché é o professor Andrés Pikygi Torales, educador/ativista aché e investigador na área de pedagogia. Durante os últimos anos, foram desenvolvidos materiais em aché principalmente para o primeiro ao terceiro ciclos do ensino fundamental, em áreas como ciências naturais e saúde, bem como vida social, contendo relatos de experiências cotidianas, etnomatemática e histórias de vida/ história do povo aché. Todos esses materiais aché são escritos utilizando o sistema ortográfico reformado pela comunidade.

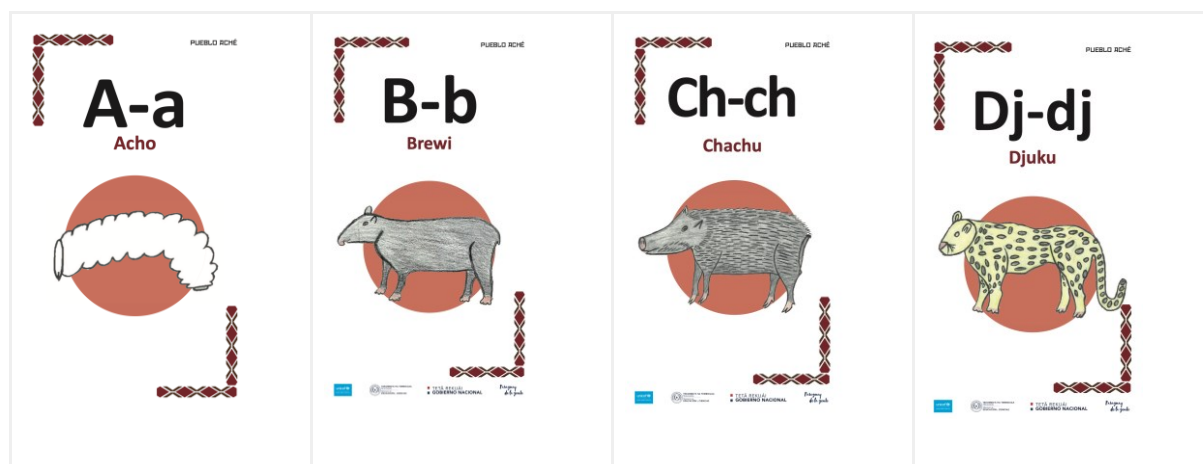


FIGURA 5 – Material para alfabetização de crianças no ensino infantil e fundamental, no nível do pré-escolar e 1º ciclo, título: "Alfabeto Aché".

Fonte: MEC do Paraguai, 2022.



FIGURA 6 – Material de comunicação em língua aché para o 3º ano do ensino básico

Fonte: MEC do Paraguai, 2015.

A supervisão educacional do povo Aché incentiva continuamente a produção de materiais didáticos, inclusive por estudantes de diversas instituições de ensino fundamental, com o apoio de seus pais, avós e professores. Esses materiais são apresentados às autoridades de educação durante a Semana Cultural, incluindo gestores educacionais departamentais e o Ministro da Secretaria de Políticas Linguísticas. Isso demonstra que o sistema ortográfico selecionado em 2009, e amplamente adotado a partir 2012, é empregado e monitorado nas instituições de ensino, nas salas de aula, onde sua aplicação é visível em lousas, cadernos dos alunos, decorações, cartazes, anúncios e sinalizações.

Paralelamente, todos os materiais desenvolvidos fora do ambiente escolar também incorporaram o novo sistema ortográfico, abrangendo atividades em redes sociais, organizações políticas internas das aldeias ou produções resultantes de pesquisas. Exemplos notáveis incluem o projeto sobre aves desenvolvido pelo biólogo espanhol Alberto Madroño e a iniciativa sobre répteis e anfíbios da Fundação Moisés Bertoni, além de encontros esportivos e eventos culturais.

Finalmente, a partir de 2018, o conselho regional de educação do povo Aché propôs a seleção de docentes para a comunidade Aché por meio de concurso, no qual a proficiência na língua originária constituiu o principal critério de avaliação. A supervisão educacional e a administração da área foram responsáveis pela elaboração desses materiais de avaliação e por sua aplicação no concurso, em coordenação com líderes e diretores educacionais. Esse modelo, inclusive, tornou-se referência nacional e é hoje adotado/adaptado por outras etnias indígenas do Paraguai.

Contudo, a prevalência do código misto, conhecido como guaraché e não o *aché djawu* é a língua mais amplamente utilizada no dia a dia das comunidades; fato que adiciona complexidade ao cenário atual de preservação e revitalização do aché. Por razões de concisão, este aspecto será explorado mais detalhadamente em trabalhos futuros.

Evidentemente, a implementação do sistema ortográfico foi um processo gradual que enfrentou inúmeros desafios ao longo dos anos, incluindo resistência à mudança por parte da comunidade e de alguns grupos de alunos. Essa resistência emanava principalmente de indivíduos sem formação formal mais recente, ou que não participaram dos eventos de reforma ortográfica, ou de falantes-escritores mais experientes, acostumados por décadas à ortografia do guarani paraguaio. Essas divergências de opinião foram gradualmente superadas à medida que as diretrizes para a implementação do novo sistema de escrita foram estabelecidas pela direção da área educacional, aprovadas pelas lideranças comunitárias, e logo reconhecidas em nível estatal. Em esforços contínuos ao longo de vários anos, professores e líderes foram capacitados, inicialmente em grupo e posteriormente pela comunidade, para abordar quaisquer questões que pudessem surgir.

A formação contínua de docentes e lideranças permanece, até hoje, uma dificuldade e preocupação constante.

7. Conclusão

Este artigo apresentou uma iniciativa comunitária que, desde 2009, tem se dedicado ao desenvolvimento ou à reforma da ortografia da língua aché do Paraguai, um esforço ainda em progresso. Durante um longo período, o aché foi categorizado indevidamente como um dialeto do guarani paraguaio, resultando em um sistema de escrita inadequado para suas características intrínsecas. Em resposta às distinções fonéticas e estruturais inerentes à língua, uma nova ortografia foi desenvolvida em colaboração entre linguistas, educadores e líderes aché. O presente estudo resumiu tanto os fundamentos linguísticos que levaram à iniciativa iniciada pela comunidade de reformar o sistema de escrita, e discutiu sua implementação em contextos escolares e comunitários. Hoje a ortografia reformada é

amplamente disseminada, ao ponto de cursos de alfabetização de adultos já terem sido encerrados, todos os adultos conhecem, obviamente com proficiências variadas, o novo sistema de escrita.

Nos planos para os próximos anos, almeja-se a ampliação de material pedagógica sobre a gramática, a preparação de materiais diversos para a formação docente, para falantes nativos da língua, crianças e adultos, bem como para indivíduos etnicamente aché, mas que perderam a proficiência na língua de herança. O último envolve um trabalho na área de ensino de segunda língua. Em termos de formatos, planeja-se produções midiáticas como podcasts e programas de rádio, e formatos digitais, vídeos educativos, um dicionário digital atualizado e plataformas de estudo para a língua aché.

Contudo, pode-se dizer que o contínuo trabalho nas comunidades aché discutido neste texto, oferece um exemplo convincente de como esforços sustentados e impulsionados pela própria comunidade visando em padronizar um sistema de escrita podem mitigar eficazmente a resistência inicial e, em um período relativamente curto, promover ampla aceitação e uso através de treinamento sistemático e reforço educacional consistente.

Informações complementares

Avaliação e resposta dos autores

Avaliação: <https://doi.org/10.25189/rabralin.v24i2.2399.R>

Editora

Maria Filomena Spatti Sandalo

Afiliação: Universidade Estadual de Campinas

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4595-7765>

RODADAS DE AVALIAÇÃO

Avaliador 1: Karin Camolese Vivanco

Afiliação: Universidade Estadual de Campinas

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7582-2047>

Avaliador 2: Bruna Frannchetto

Afiliação: Universidade Federal do Rio de Janeiro

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7158-3838>

AVALIADOR 1

O artigo traz um importante relato sobre o desenvolvimento e implementação de uma ortografia do Aché, uma língua indígena do Paraguai. Esta língua, por ter sido erroneamente tratada como um dialeto do guarani paraguaio, carecia de uma ortografia que representasse fielmente suas distinções fonológicas e morfológicas.

Recomendo o artigo para publicação com modificações mínimas. Anexei um documento que sinaliza as pequenas mudanças a serem feitas em um processo de revisão.

AVALIADOR 2

O artigo é extremamente relevante, bem fundamentado em todos os aspectos, bem escrito e estruturado, com referências bibliográficas atualizada. Recomendo a sua publicação.

Conflito de Interesse

Os autores não têm conflitos de interesses a declarar.

Protocolo e Pré-Registro de Pesquisa

Após avaliação indicamos que nenhum roteiro da Equator Network aplica no caso da nossa pesquisa, trata-se da reportagem sobre um projeto educativo colaborativo. Indicamos, além disso, que a pesquisa conduzida não foi pré-registrada em um repositório institucional independente.

Declaração de Disponibilidade de Dados

O compartilhamento de dados não é aplicável a este artigo, pois nenhum dado novo foi criado ou analisado neste estudo, todos os dados utilizados são devidamente citados.

Fontes de financiamento

O trabalho do projeto ADOP: Aché Documentation Project, foi financiado entre 2008-2014 no âmbito do programa de documentação de línguas ameaçadas (*Dokumentation bedrohter Sprachen*, DoBeS) da Fundação Volkswagen (<https://dobes.mpi.nl/projects/ache/language/>, referências Az: 83440, e Az: 86237).

O trabalho da primeira autora é atualmente financiado pela Fundação de Ciências e Tecnologia de Portugal (FCT, grant: <https://doi.org/10.54499/2021.03912.CEECIND/CP1664/CT0026>). O

trabalho educativo nas comunidades Aché do Paraguai é apoiado pelo Ministério de Educação e Cultura da República do Paraguai (MEC; Assunção), como também pela Secretaria de Política Linguística do governo paraguaio.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, L. Estratégias para a revitalização de línguas ameaçadas e a realidade brasileira. *Cadernos de Linguística* [online]. v. 1, n. 3, p. 1. 2020. <https://doi.org/10.25189/2675-4916.2020.v1.n3.id251>.
- AUSTIN, Peter K. Language documentation in the 21st century. *Journal LIPP* 3, No. 3, p. 57-71, 2014. <https://doi.org/10.5282/JOURNALIPP/190>
- CALLEGARI-JACQUES, S.M., HILL, K., HURTADO, A.M., RODRIGUES, L.T., BAU, C.H.D. and SALZANO, F.M. Genetic clues about the origin of Aché hunter-gatherers of Paraguay. *Am. J. Hum. Biol.*, 20, p. 735-737. 2008. <https://doi.org/10.1002/ajhb.20816>
- CENSO NACIONAL DE POPULACIONES INDÍGENAS, Viviendas para pueblos indígenas, INE Instituto Nacional de Estadística, Gobierno del Paraguay, Edição IV, tomo 1, 2022. <https://www.ine.gov.py/censo2022/documentos/indigena/Resultados-Finales-Censo-Indigena.pdf>
- CLASTRES, Pierre. *Chronicle of the Guayaki Indians*. New York: Zone Books, [1972] 1998.
- COSTA, Consuello Paiva de. *Apyngwa rupigwa: nasalização em Nhandewa-Guarani*. Tese de Doutorado. Universidade de Campinas, 2007. Cosra <http://www.etnolinguistica.org/tese:costa-2007>
- DIETRICH, W. Lexical evidence for a redefinition of Paraguayan Jopara. *Language Typology and Universals*, v. 63, n. 1, p. 39-53, 2010. <https://doi.org/10.1524/stuf.2010.0004>
- DIETRICH, Wolf. *More Evidence for an Internal Classification of Tupí-Guaranien Languages*. Beiheft zur Indiana - Iberoamerikanisches Institut, Berlin: Gebrüder Mann, 1990.
- DRUDE, Sebastian. Nasal harmony in Awetí - A declarative account. *ReVEL - Revista Virtual de Estudos da Linguagem*, 3, 2009. https://pure.mpg.de/rest/items/item_1466212_2/component/file_1466211/content
- DRUDE, Sebastian; AWETE, Waranaku; AWETI, Awajatu, A ortografia da língua Awetí. *LIAMES*, Campinas, SP, v. 19, p. 1-23, 2019. <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/liames/article/view/8655746>
- ESTIGARRIBIA, Bruno. *Guarani-Spanish Jopara mixing in a Paraguayan novel: Does it reflect a third language, a language variety, or true codeswitching?* Tese de Doutorado em Linguística - University of North Carolina at Chapel Hill, Chapel Hill, 2015. <https://cdr.lib.unc.edu/concern/articles/c247f231j?locale=en>
- FRANCHETTO, Bruna. A guerra dos alfabetos: Os povos indígenas na fronteira entre o oral e o escrito. *MANA Estudos de Antropologia Social* 14(1), p. 31-59, 2008. <https://www.scielo.br/j/mana/a/S5QkWy57NGzYsDNfk7KMjth/?format=html&lang=pt>
- GREGORES, E.; SUARÉZ, J. *A Description of Colloquial Guarani*. Haia; Paris: Mouton de Gruyter, 1967.

HAUCK, J. D. Making Language: The Ideological and Interactional Constitution of Language in an Indigenous Aché Community in Eastern Paraguay. 2016. Tese (Doutorado) – University of California, Los Angeles, 2016. <https://escholarship.org/uc/item/7931r6fh>

HAUCK, J.D.; ROESSLER, E.M. On the Emergence of Guaraché – A new mixed language in Paraguay. (Participação em Congresso) 1st Workshop on Endangered and Minoritized Languages, University of Minho, Braga, 8-9/Maio, 2025.

IVO, Ivana Pereira. Revitalização de línguas indígenas: do que estamos falando? In: D'ANGELIS, Wilmar da Rocha (Org.). Revitalização de línguas indígenas: o que é? Como fazer? Campinas, SP: Curt Nimuendajú: Kamuri, p. 43-63, 2019. <https://hdl.handle.net/20.500.12733/31886>

KALLFELL, G. *Grammatik des «Jopara»*. *Gesprochenes Guarani und Spanisch in Paraguay*. Berlin, 2011. Peter Lang Verlag. <https://www.peterlang.com/document/1108246>

LÜPKE, Friederike. Orthography Development. AUSTIN, Peter K. and SALLABANK, Julia (orgs) *The Cambridge Handbook of Endangered Languages*, 2011, p. 312–336. <https://doi.org/10.1017/CBO9780511975981>

MOORE, Denny; NEVINS, Andrew, The repair problem: diagnostics and competing orthographic subsystems in Suruí, AUSTIN, Peter; BOND, Oliver; MARTEN, Lutz; NATHAN, David (eds) *Proceedings of Conference on Language Documentation and Linguistic Theory 3*, London: SOAS, 2011, p. 193-198. https://www.e-publishing.org/docs/11/3/ldlt3_20.pdf

MEIRA, Sérgio. O linguista e a ortografia indígena: o caso da língua Bakairi. *Revista de Estudos e Pesquisa, FUNAI, Brasília*, v.1. N.2., 2004 p.73-99. https://etnolingustica.wdfiles.com/local-files/journal:funai/meira__2004_ortografia.pdf

MELIÀ, B. *La lengua guarani en el Paraguay colonial*. Asunción: CEPAG, 2003.

MELIÀ, Bartomeu, and Christine MUNZEL. Ratones y jaguares: reconstrucción de un genocidio a la manera de los Axé-Guayakí del Paraguay Oriental. Em: Bartomeu Melià, Luigi Miraglia, Mark Münzel, and Christine Münzel (eds) *La Agonía de los Aché- Guayakí: Historia y Cantos*, Asunción: CEADUC. p. 7–53. 1973. https://etnolingustica.wdfiles.com/local--files/biblio%3Amelia-1978-ratones/Melia_1978_RatonesYJaguares.pdf

MUNZEL, Mark. *Gejagte Jäger, Teil I. Die Aché in Ostparaguay*. Frankfurt am Main: Museum für Völkerkunde: 1983.

PAYNE, D. The Tupí-Guaraní Inverse. In: FOX, B.; HOPPER, P. (Eds.). *Voice: Form and Function*. Amsterdam, Philadelphia: John Benjamins, p. 313–340, 1994. <https://doi.org/10.1075/tsl.27.13pay>

PIGGOTT, G. L. Variability in Feature Dependency: The Case of Nasality. In: *Natural Language and Linguistic Theory*. Vol. 10, 1992, p. 33–77. <https://doi.org/10.1007/BF00135358>

RODRIGUES, A. Hipótese sobre as Migrações dos três subconjuntos meridionais da Família Tupí-Guaraní (ABRALIN, Ed.) *Atas do II Congresso Nacional da ABRALIN*. Florianópolis: 2000. <https://www.scribd.com/document/932495726/RodriguesRodrigues-Aryon-Sem-Data-Disponivel-Em-Httpgeocities-yahoo-com-Brlviz56hipotese-pdf>

RODRIGUES, A. Relações internas na família lingüística Tupí-Guarani. *Revista de Antropologia*, v. 27/28, p. 33–53, 1985. https://etnolingustica.wdfiles.com/local--files/biblio%3Arodrigues-1985-relacoes/Rodrigues_1985_RelInternasFamTupiGuarani_OCR.pdf

ROESSLER, E.-M. Syntactic Effects of Inflectional Morphology Restructuring: On Language Change and Language Contact in Tupi-Guarani Subgroup-1. Tese de Doutorado em Linguística, IEL/ Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2018. <https://unicamp.br/unicamp/teses/2018/08/28/efeitos-sintaticos-da-reestruturacao-de-flexao-em-ache-um-estudo-de-mudanca/>

ROESSLER, Eva.-Maria. Inflectional morphology restructuring in Ache - Discussing grammatical change and language contact in Tupi-Guarani subgroup - 1. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi: Ciências Humanas, v. 10, n. 2, 2015. <https://www.scielo.br/j/bgoeldi/a/tKM3Tkybpq4D8NvdYrhMvZG/?lang=en>

ROESSLER, Eva.-Maria. Aspectos da Gramática Aché. Master Thesis, Universidade Estadual de Campinas, 2008.

ROESSLER, E.-M; HAUCK, J.D., From Code-Mixing to language Fusion: A case study of negation in Guaraché (Eastern Paraguay). (Participação em Congresso) Workshop on theoretical approaches to code-switching in Romance, GoRo Going Romance, Universidade do Minho: Braga, 6 Dez. 2024.

ROSE, F. When “You” and “I” mess around with the hierarchy: a comparative study of Tupi-Guarani hierarchical indexing systems. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas, v. 10, n. 2, p. 495-516, 2015. <https://doi.org/10.1590/1981-81222015000200008>

SAMMONS, R. Phonetic-Phonemic Description of Aché Indian Language as Observed Thus Far. New Tribes Mission: Internal Working Papers, Asunción. 1977.

SAMMONS, R. Aché: A Pedagogical Grammar. New Tribes Mission: Internal Working Papers. Asunción. 1978.

SAMMONS, R. Aché Texts, Vol.1. New Tribes Mission: Internal Working Papers. Asunción. 1981.

SAMMONS, R. Aché Texts, Vol 2. New Tribes Mission: Internal Working Papers. Asunción. 1982.

SEIFART, Frank. Orthography Development. Em: Gippert, Jost; Himmelmann, Nikolaus P.; Mosel, Ulrike (orgs) Essentials in Language Documentation. 2006, p. 275 - 300. <https://doi.org/10.1515/9783110197730.275>

SEKI, Lucy. Gramática do Kamaiurá. Língua Tupi-Guarani do Alto Xingú. Editora da Unicamp, São Paulo, 2000 <https://amerindias.github.io/referencias/sek00kamaiura.pdf>

SUSNIK, Branislava. Estudios Guayakí I. BSCP 4, Etnolingüística 5, Asunción. p. 1-105. 1960.

SUSNIK, Branislava. Estudios Guayakí II. BSCP 5, Etnolingüística 6. Asunción. 1961.

SUSNIK, Branislava. Vocabulario Ache-Guayakí. BSCP 6: 105-220. Asunción. 1962.

SUSNIK, B.; CHASE-SARDI, M. Los indios del Paraguay. Madrid: Mapfre. 1995.

THOMPSON, W. The Orphaned Past: Ache Autonomy and Relationality in Times of Change. Tese de Doutorado, University of Michigan, Ann Arbor, 2019. https://www.academia.edu/114351531/The_Orphaned_Past_Ache_Autonomy_and_Relationality_in_Times_of_Change